



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS**

TATIANE PEREIRA DE OLIVEIRA

ASPECTOS DA FONOLOGIA KRAHÔ

ARAGUAÍNA/TO

2015

TATIANE PEREIRA DE OLIVEIRA

ASPECTOS DA FONOLOGIA KRAHÔ

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Tocantins, como requisito parcial para
conclusão de graduação em Licenciaturas
em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges
Albuquerque.**

ARAGUAÍNA/TO

2015

TATIANE PEREIRA DE OLIVEIRA

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Tocantins, como requisito parcial para
conclusão de graduação em Licenciaturas
em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges
Albuquerque.**

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (Orientador) UFT

Prof.^a Dra. Alessandra Mara de Assis (UFT)

Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz (UFT)

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- ❖ primeiramente a Deus, por me conceder essa importante vitória em minha vida;
- ❖ aos meus pais, Roselídia e Cícero, pelos ensinamentos e pelo simples fato de existir na minha vida, amo vocês;
- ❖ aos meus irmãos, pelas palavras de incentivo e que acreditam em meu potencial, amo todos vocês;
- ❖ a todas as pessoas que fazem parte da minha vida, sobrinhos, namorado, familiares e amigos;
- ❖ ao meu querido orientador, professor Dr. Francisco Edviges, pela transmissão de seu conhecimento e disponibilidade para dar respostas a todas as minhas dúvidas na construção do presente trabalho; obrigada por me ensinar a ir atrás daquilo que quero, com esforço e trabalho; a ser independente e confiante no mundo da pesquisa;
- ❖ ao povo indígena Krahô da Aldeia Manoel Alves, por terem sido tão perceptivos e ter ajudado na realização deste estudo, participando e respondendo os meus questionamentos ;
- ❖ a todos os professores indígenas e não indígenas da Escola 19 de Abril, pelo apoio e aprendizado;
- ❖ aos auxiliares de pesquisa Renato Yahé Krahô e ao André Krahô, pelas contribuições minuciosas em meu trabalho, e pela disposição em me ajudar; parabéns vocês são exemplos de determinação e compromisso;
- ❖ a todos os meus professores da graduação, que fizeram parte deste trabalho direto ou indiretamente ,contribuindo para a minha formação;
- ❖ a todos os meus colegas da graduação, em especial ao meu amigo Renato, pelo companheirismo, amizade e pela disposição em me ajudar todas as vezes em que precisei; ao meu amigo Hiago, pelo companheirismo e disponibilidade; e por fim, à minha “best friend”

Patrícia Cunha que foi com quem eu conversei nas horas tristes e alegres de minha vida; amigos vocês me fizeram perceber o verdadeiro valor de uma amizade;

- ❖ aos meus colegas do LALI (Laboratório de Línguas Indígenas) da UFT, Ana Beatriz, Alisson, Carol, Danilo, Éder, Marcela e Marcos que me incentivaram e torceram por mim, pelos momentos de aprendizado, troca de saberes diante das nossas pesquisas, contem com a minha amizade e carinho eternamente;
- ❖ em especial ao meu colega do Lali Agnaldo, pelas contribuições minuciosas neste trabalho, principalmente na parte da organização, obrigada e precisando de alguma coisa estarei a disposição;
- ❖ finalmente, a todos que contribuíram de qualquer forma para a realização deste trabalho.

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles”.

Augusto Cury

RESUMO

Neste trabalho apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada com o povo Krahô, grupo indígena que pertence à família linguística Jê e tronco Macrô-Jê (RODRIGUES,1986), situada na região Noroeste, Estado do Tocantins, entre os municípios de Itacajá e Goiatins. O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre o inventário fonológico de língua Krahô, considerando, entretanto, aspectos externos e internos atuantes no permanente conflito linguístico e cultural. Assim sendo, foi feito levantamento de algumas palavras na língua Krahô, onde fizemos a análise e a transcrição fonética de cada palavra, propusemos então, um quadro de fonemas da língua Krahô. Para tanto, utilizamos como procedimentos metodológicos pesquisa bibliográfica e pesquisa etnográfica com observação participante. A primeira deu-se por meio de levantamento de trabalhos de autores que tratam da temática. A segunda realizou-se in loco, na aldeia onde desenvolvemos a pesquisa. A análise foi baseada na pesquisa de campo, que teve como instrumentos a observação participante e o diário de campo. Os resultados nos permitem apontar um quadro atualizado de fonemas da língua Krahô, como possuindo 29 fonemas, sendo 13 consoantes (c, g, h, j, k, m, n, p, q, r, t, w, x), 16 vogais, sendo 10 orais (a, à, e, ê, i, o, ô, u, y, ÿ) e seis nasais (ã, ã, ã, õ, õ, õ, ã). E, com base nele, fornecemos subsídios para uma revisão da ortografia Krahô, o que vem ao encontro dos anseios das comunidades Krahô, principalmente dos professores indígenas.

Palavras-chave: Língua Krahô; Fonologia; Descrição Linguística

ABSTRACT

We present the results of a project realized with the Krahô people, an indigenous group belonging to the Jê linguistic family and Macro-Jê group (RODRIGUES, 1986), situated between the towns of Itacajá and Goiatins, Tocantins state, Northern Brazil. The goal of this work is to study the phonologic inventory of Krahô, taking into account the external and internal factors in the permanent conflict between the linguistic and the cultural. We performed a survey of words in the Krahô language, developing an analysis and phonetic transcription of each word, resulting in a table of Krahô phonemes. We used methodological procedures like bibliographic research and ethnographic participant observation. The former was accomplished by researching works of authors who wrote about this theme. The latter took place *in loco*, in the town where we developed the research. The analysis was based on the field work, where we used a field diary to record our observations. The results permit us to design an updated table of Krahô phonemes, with 29 total phonemes: 13 consonants (c, g, h, j, k, m, n, p, q, r, t, w, x), 16 vowels, ten oral (a, à, e, ê, i, o, ô, u, y, ÿ) and six nasals (ã, ã, ã, õ, õ, õ). And taking that as a base, we can help to revise Krahô orthography, a major concern of Krahô communities, especially indigenous teachers.

Keywords: Krahô Language; Phonology; Linguistic Description.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DSEI – Distritos Sanitários Especiais Indígenas.

FUNAI- Fundação Nacional do Índio.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

IPA- Alfabeto Fonético Internacional.

RCNEI – Referencial Curricular Nacional Para As Escolas Indígenas.

UFT – Universidade Federal do Tocantins.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Fonemas Vocálicos orais da Língua Krahô _____ 29

QUADRO 2: Fonemas Vocálicos nasais da Língua Krahô _____ 30

QUADRO 3: Fonemas Consonantais da Língua Krahô _____ 35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: OS KRAHÔ: ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS, CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS	15
1. Povo Krahô	15
1.1 Língua	16
1.2 Os Krahô: História do contato com a sociedade majoritária	17
1.3 Reserva Indígena	19
1.4 Aspectos Culturais	20
CAPÍTULO II BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	23
2.1 Fundamentação Teórica	23
2.2 Metodologia	25
2.3 Registros em diário de campo: Relatos e experiências	26
CAPÍTULO III	29
3. AS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA KRAHÔ	29
3.1 AS VOGAIS KRAHÔ	30
3.2 Os fonemas vocálicos Krahô	30
3.3 Fones vocálicos orais	32
3.4 Fones vocálicos nasais	34
3.5 AS CONSOANTES KRAHÔ	36
3.5.1 Oclusivas	36
3.5.2 Africadas	37
3.5.3 Fricativas	38
3.5.4 Nasais	38
3.5.5 Nasal Velar	38

3.5.6 Vibrante	39
3.5.7 Aproximantes	39
3.6 Os Glides	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

As reflexões aqui apresentadas partem da experiência como pesquisadora de graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), através do Programa de Educação Escolar Indígena, projeto N° 11395, intitulado A Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural, que tem como objetivo elaborar e publicar materiais didáticos na Aldeia Manoel Alves Pequeno em parceria com professores indígenas e não indígenas que atuam na Escola 19 de Abril localizada na Aldeia Manoel Alves Pequeno. O Projeto é coordenado pelo professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) Dr. Francisco Edviges Albuquerque, que trabalha em prol dos povos indígenas reivindicando a necessidade de materiais didáticos produzidos pelos próprios indígenas, para que auxiliem de forma efetiva no processo de ensino e aprendizagem nas escolas das aldeias Krahô.

Neste trabalho, objetivamos apresentar reflexões baseadas em nossa experiência durante várias visitas técnicas à Aldeia Manoel Alves Pequeno no período de uma semana, sendo duas vezes ao ano. No primeiro momento de minha estadia na aldeia, fizemos todas as observações precisas para obtermos as informações úteis e necessárias à nossa pesquisa, desenvolvemos oficinas, tivemos aulas em língua materna com os professores indígenas, que se esforçam no sentido de construírem, junto com estudantes e toda comunidade, uma educação escolar, que seja verdadeiramente bilíngue e intercultural. Na mesma, participamos de rituais da cultura Krahô, fizemos pinturas corporais e observamos a preparação de algumas comidas típicas.

Nesse sentido desenvolvemos nossa pesquisa de base etnográfica, tendo como inquietação os aspectos socioculturais e linguísticos que contribuirão para a revitalização da língua e da cultura Krahô, voltada para um estudo dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua desse povo.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos, conforme descrevemos a seguir:

No primeiro capítulo, retratamos **Os Aspectos Sociohistóricos, culturais e Linguísticos do Povo Krahô**. Primeiro apresentamos um breve

histórico dos povos indígenas Krahô, seus aspectos sociais, linguísticos e culturais. Neste capítulo buscamos também fazer algumas considerações sobre as línguas indígenas faladas no Brasil e, ainda, um pequeno histórico do contato dos indígenas Krahô com a sociedade majoritária e apresentamos a situação atual da escola Manoel Alves.

No segundo capítulo, dedicamos à descrição das **Bases Teóricas e Metodológicas** que nortearam esse trabalho. Na fundamentação teórica, discutimos conceitos de fonética e fonologia, tomando como base os autores Silva (2010),Albuquerque (2007),Seara, Nunes, Volcão (2011),dentre outros. Para os aspectos metodológicos deste trabalho, adotamos a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com observação participante, apresentamos registro em diário de campo, a coleta e análise dos dados, e para a realização de nossa pesquisa, baseamos nos seguintes autores: Albuquerque (2007), Angrosino (2009) e Erickson (1984).

No terceiro capítulo, trataremos dos **Aspectos Fonológicos da língua Krahô**, tendo por base, os autores Albuquerque (2007); Souza (2008); Silva (2010), dentre outros.

CAPITULO I

OS KRAHÔ: ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS, CULTURAIS E LINGUÍSTICOS

1. O POVO KRAHÔ

O povo indígena Krahô habita uma reserva situada às margens direita do Rio Tocantins, entre os municípios de Itacajá e Goiatins, no atual estado do Tocantins. O território indígena Krahô, conhecido também como Kraholândia, tem uma extensão de 320mil hectares. É composta por vinte e quatro aldeias, dentre estas podemos destacar: Manoel Alves, Pedra Branca, Forno Velho, Santa Cruz, Aldeia Nova, Bacuri, Serra Grande, Pedra Furada, Cachoeira, Galheiro, Rio Vermelho, Lagoinha, Morro do Boi e Mangabeira.

Segundo dados do DSEI¹ Distritos Sanitários Especiais Indígenas do Tocantins (2014), a população Krahô é de aproximadamente 2.799 habitantes distribuído em 29 aldeias, que integram as reservas indígenas desse povo.

O povo Krahô sobrevive da produção de mandioca, milho, arroz, feijão, inhame, batata, dentre outros. Estes indígenas plantam, ainda, urucum, cabaça e algodão. Alguns criam porcos, galinhas e também utilizam a caça e a pesca para completar a alimentação. “A pesca, que já foi uma importante fonte de alimentos para os Krahô, tem declinado progressivamente com o passar dos anos, devido ao impacto ambiental nos rios da reserva” (ALBUQUERQUE, 149). As caçadas são realizadas individualmente ou em grupos e estas acontecem geralmente no período da seca. Ultimamente as caçadas têm sido menos frequentes devido à escassez de animais.

A comunidade Krahô fabrica muitos artesanatos como: colares, esteiras, pulseiras e brincos (tiririca) etc,. Esses artefatos fazem parte da renda familiar dessa comunidade.

¹ Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Entendemos aqui o DSEI como uma base territorial e populacional sob responsabilidade sanitária claramente identificada, enfaixando conjunto de ações de saúde necessárias à atenção básica, articulado com a rede do Sistema Único de Saúde (SUS).

Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/>

1.1 LÍNGUA

De acordo com Seki (2000, p.238), há uma grande diversidade linguística entre as línguas indígenas brasileiras. As línguas, de maneira geral, são divididas em troncos e famílias.

Ainda de acordo com Seki (2000, p.239), as línguas indígenas são divididas em dois troncos: o Tronco Tupi e o tronco Macro-jê. O Tronco Tupi é formado por sete famílias genéticas: o Tupi-guarani (com 33 línguas e dialetos no Brasil), o Monde (com sete línguas), Tuparí (com três línguas), Juruna, Mundurukú (com duas línguas) e Ramarána (com duas línguas também). Há, ainda, mais três línguas isoladas no nível de família: Awetí, Sateré-mawé e Puruborá.

Segundo Rodrigues (1989), “as línguas indígenas faladas no Brasil se agrupam em famílias linguísticas. Famílias que têm semelhanças entre si e são agrupadas, por sua vez, em troncos linguísticos”, sendo Tupi e Macro Jê.

De acordo com Albuquerque (1999,p.30) “o português não é a única língua falada no Brasil. Em nosso país várias línguas são faladas porque aqui convivem muitos povos e culturas diferentes”.

Os Krahô falam uma língua de mesmo nome, pertencente à família Jê e ao tronco linguístico Macro-Jê, segundo o linguista Aryan Dall’Igna Rodrigues (1986).

É importante ressaltar que na Aldeia Manoel Alves a língua é fortemente falada entre eles, pois há certa preocupação em perder seus hábitos e costumes, isso devido ao processo de contato com a comunidade envolvente. . Ainda segundo o autor (1986), há 180 línguas indígenas faladas no Brasil.

Com relação ao alfabeto Krahô, podemos apontar esse como possuindo 29 grafemas, sendo 13 consoantes e 16 vogais. Partindo dessa premissa, ALBUQUERQUE (2013) considera que as 13 consoantes são: (c, g, h, j, k, m, n, p, q, r, t, w, x). Ainda de acordo com o autor, as 16 vogais que constituem este alfabeto classificam sendo 10 orais (a, à, e, ê, i, o, ô, u, y, ÿ) e seis nasais

(ã, ê, ĩ, õ, ù, ÿ). É importante frisar, que tais grafemas não existem no alfabeto Krahô: b, ç, d, f, l, s, v e z.

1.2 OS KRAHÔ: HISTÓRIA DO CONTATO COM A SOCIEDADE MAJORITÁRIA

Os indígenas não foram os primeiros habitantes do atual território brasileiro. Para Friederich (2010), antes da chegada dos portugueses à América havia por aqui aproximadamente cerca de 100 milhões de índios nessa região. No território brasileiro, segundo o mesmo autor, esse número chegava entorno de cinco milhões de nativos, todos com elementos específicos que constituíam sua cultura, como: suas crenças, língua, ritos, mitos, costumes, pinturas características, que apesar de estar presente em todos os povos indígenas possuíam/possuem especificidades que os distinguem. Sobre suas divisões o mesmo autor afirma que:

“Estes índios brasileiros estavam divididos em tribos, de acordo com a língua utilizada e caracterizando cada grupo, sendo eles os Tupi-guarani (região do litoral), Macro-jê ou Tapuias (região do Planalto Central), Aruaques (Amazônia) e os Caraíbas (Amazônia)”. (FRIEDRICH, 2010, p. 14)

Para Ribeiro (2012) por volta de 1500, existia por aqui, estimativas cerca de seis milhões de indígenas. (RIBEIRO, 2012 p. 15). No entanto com o passar dos séculos esse número foi caindo, como a própria autora afirma, que segundo a FUNAI, pelos anos de 1980, esse índice populacional cai para 250 mil indígenas e segundo IBGE para 700 mil.

Podemos apontar que para que houvesse essa grande redução da população indígena, dentre as várias causas, como epidemia, trabalho escravo exacerbado, entre outros, temos os casos de conflito com a sociedade que cercava (m) esse (s) povo (s), que podemos chamar de sociedade envolvente. Sociedade essa que pelo seu caráter de maioria englobavam esses povos

Nesse sentido, vários povos indígenas brasileiros padeceram devido as invasões dos não indígenas em seus territórios. Para o nosso caso, em

específico os Krahô, Melatti (1967, p. 23) afirma que para escaparem ao contato com os não indígenas só restou uma solução para esse povo que era o deslocamento.

Melatti (1978 p. 15) afirma que o primeiro contato dos Krahô com os civilizados se deu por volta do início do século XIX, quando se encontraram na divisa do Estado do Maranhão com o Goiás. Essa área ficava entre os rios Tocantins, Farinha, Alto-Itapecuru, Parnaíba, Perdida e Sono. A essa mesma data estava se convergindo para essa área duas frentes de povoamento, uma do Pará e Maranhão de tipo agrícola e outra da Bahia de tipo pastoril.

No tocante a essas duas áreas Mellati (1967 p. 32) afirma que apesar de ambas terem os indígenas como obstáculo pelo fato de possuírem as terras de que elas necessitavam, a frente agrícola tentava absorver os indígenas, enquanto que a frente pastoril, não precisando da força de trabalho desses indígenas, tentavam aniquilá-los, ou expulsarem para longe.

Em relação a essa espécie de parceria com a sociedade pastoril, Melatti (idem) afirma:

“Paradoxalmente, os Krahô estabeleceram a princípio, de modo tácito, uma associação com os criadores de gado. Não foram absorvidos pela sociedade pastoril; continuaram ao lado dela, mantendo seu modo próprio de viver. Em troca da paz com os “brancos”, os Krahô deviam ajuda-los a guerrear e escravizar os grupos indígenas vizinhos, Timbira ou Akuêm, tomando-lhes os territórios”. (MELATTI 1967 p. 33)

Assim sendo, para os próprios criadores de gado não atacarem outros povos indígenas, eles estabeleciam essa forma de acordo, facilmente aceita pelos Krahô, para que eles atacassem seus vizinhos indígenas e em troca os criadores não avançavam em seu território. Porém, esse acordo não era permanente, e quando deixava de satisfazer a vontade dos não indígenas, esses mesmos invadiam os territórios dos até então aliados.

Depois de anos de parceria, temos então que essa aliança chega ao seu fim. E para Melatti (1967 p. 48) esse fim se deu por volta do ano de 1940, quando os Krahô foram atacados por dois fazendeiros da região no mesmo dia, morrendo cerca de vinte e três indígenas. Esse acontecimento fica na história a

partir de então, como um marco entre o povo Krahô com a sociedade nacional e majoritária. Esse evento também, segundo o autor põe fim a antiga aliança desses indígenas com os fazendeiros e ao mesmo tempo que aproximava esses indígenas aos brasileiros, constituídos pelo Governo Federal.

1.3. RESERVA INDÍGENA KRAHÔ

O território indígena Krahô, conhecido também como Kraholândia, tem uma extensão de 320mil hectares. A mesma se localiza nas proximidades dos municípios de Itacajá e Goiatins. Os Krahô são remanescentes do antigo grupo Timbira e sua língua pertence à Família Jê ao qual faz parte do Tronco Linguístico Macro Jê. (RODRIGUES, 1986). Vale ressaltar que os Timbira são formados pelos povos Apinajé, Krahô, Krikati, Gavião Pykobjê, Gavião Parkatejê, Apanjekrá-Canela, Ramkokamekrá-Canela, Krepynkatejê e Krênjê.

Segundo dados do DISEI/TO (2014), a população Krahô é de aproximadamente 2.799 habitantes, distribuídos em 29 aldeias, que integram as reservas indígenas desse povo, dentre estas podemos destacar: Manoel Alves, Pedra Branca, Forno Velho, Santa Cruz, Aldeia Nova, Bacuri, Serra Grande, Pedra Furada, Cachoeira, Galheiro, Rio Vermelho, Lagoinha, Morro do Boi e Mangabeira.

Contudo, essa terra nem sempre foi desse povo, como vimos anteriormente, e só foi cedida por meio do decreto n°102, de 05 de agosto de 1944, ao qual o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, na época Interventor Federal no Estado de Goiás. A terra cedida media cerca de 320 mil hectares (MELATTI, 1967, p. 50). O artigo 1° desse mesmo decreto determinava que:

“São cedidos aos índios Krahô o uso e gozo de um lote de terras pertencente ao estado denominado ‘Craolândia’, situado no distrito de Itacajá, do Município de Pedro Afonso, medindo (319.827) Trezentos e dezenove mil oitocentos e vinte e sete hectares, (61) sessenta e um ares e cinco centiares, e limitado: ao norte, pelo ribeirão dos Cavalos e rio Vermelho e Suçuapara e ao oeste, pelo rio Manoel Alves Pequeno, ficando, todavia, ressalvado expressamente que a

União legalizará as ocupações, porventura existentes nesse terreno [...]”
(MELATTI, 1967, p.50)

Foi somente a partir desse decreto que o povo Krahô novamente puderam residir em uma terra totalmente sua, em que podiam plantar, colher e caçar. Nessa situação também estavam livres do contato direto com os não indígenas, ao mesmo tempo que, livres da invasão desses em seu território, pois agora estavam amparados por um decreto Federal.

Atualmente o povo Krahô sobrevive da produção de mandioca, milho, arroz, feijão, inhame, batata, dentre outros. Estes indígenas plantam, ainda, urucum, cabaça e algodão. Alguns criam porcos, galinhas e também utilizam a caça e a pesca para completar a alimentação. “A pesca, que já foi uma importante fonte de alimentos para os Krahô, tem declinado progressivamente com o passar dos anos, devido ao impacto ambiental nos rios da reserva” (ALBUQUERQUE, 149). As caçadas são realizadas individualmente ou em grupos e estas acontecem geralmente no período da seca. Ultimamente as caçadas têm sido menos frequentes devido à escassez de animais.

No tocante às caçadas Melatti (1967) afirma:

“As caçadas se realizam individual ou coletivamente. Durante a estação seca elas têm lugar sobretudo nas matas. Na estação chuvosa passam a ser no cerrado, pois, estando o cerrado úmido e verde, os animais aí vêm em busca de alimentos”. (MELATTI 1967 p. 60)

1.4. ASPECTOS CULTURAIS

A cultura de um povo está relacionada ao aspecto social, à língua, aos rituais, cantos, mitos e outros aspectos relacionados às culturas de cada comunidade, visto que com os Krahô não é diferente, pois possuem uma diversidade cultural muito rica, característica do universo indígena, onde a pintura, os rituais e pratos típicos ainda são praticados. Entretanto, apesar de outros povos passarem por um processo de perda desses aspectos, lutam pela revitalização e manutenção da língua e da cultura, os Krahô ainda permanecem com sua cultura e língua vivas, ou seja, visíveis nas festividades, como: a festa da batata, corrida da tora, hõxwa, entre outras. A atividade

relacionada à roça também ainda é predominante na cultura desse povo. Rodrigues (1986) diz:

Os índios no Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se de nós por falarem diferentes línguas (RODRIGUES, 1986, p. 17)

Durante a nossa pesquisa, constatamos que as aldeias Krahô continuam mantendo seus padrões Timbira tradicionais, com o pátio no centro da aldeia e um caminho que dá acesso tanto ao pátio quanto às casas que ficam dispostas ao redor do pátio.

A esse respeito Sousa (2013) afirma que:

“As aldeias Krahô seguem o ideal Timbira da disposição das casas ao longo de uma larga via circular, cada qual ligada por um caminho radial ao pátio central. As aldeias Krahô possuem formatos circulares, sendo compostas por duas circunferências com tamanhos distintos”. (SOUSA 2013 p. 24)

Ainda sobre a disposição da aldeia Krahô Melatti (1967) afirma que:

“As aldeias Krahô têm suas casas dispostas em círculo; um caminho circular passa diante das habitações, partindo também de cada uma dessas um caminho para o pátio central.” (MELATTI, 1967, p.63)

A circunferência maior é denominada de *Krĩkapê*, sendo ligada à menor por várias ruas, que seguem a circunferência. Temos ainda que nessa circunferência maior é onde as casas são construídas e também onde ocorre a corrida da tora, e a circunferência menor é o pátio, a praça, onde são realizadas reuniões, rituais e outras eventualidades.

Em (1978 relação ao pátio Melatti) afirma que:

“O pátio recebe o nome de *kà*. Cada casa da aldeia se liga ao pátio por um caminho denominado *prĩkarã*. Um caminho circular passa diante das casas; chama-se *Krĩkapé*. Talvez seja razoável dizer que a circunferência das aldeias Krahô é orientada à maneira de um círculo trigonométrico.” MELATTI (1978 p. 34)

Os Krahô, ao longo do contato com a sociedade não indígena, ainda mantêm sua língua, cultura e seus saberes tradicionais. Observamos o empenho dos Krahô que moram nesta aldeia para manter sua cultura. Segundo Melatti (1978, p.37), antigamente era costume para os homens andarem nus dentro da aldeia, ou com um pano quadrado dependurado ao redor da cintura com o auxílio de um cinto de couro ou palha de buriti, de modo a cobrir-lhes a parte íntima. Já as mulheres, de acordo o referido autor, usavam constantemente um pano em torno da cintura, que passa sobre si mesmo e que as cobre até o joelho.

Durante a nossa pesquisa, constatamos que atualmente os homens fazem uso de shorts e costumam ficar sem camisa, já as mulheres continuam usando um cupêxê (tecido) ao redor da cintura, também usado como se fosse uma saia (elas dão preferência aos tecidos estampados e com muita cor). A maioria das Cahãj (mulheres) ficam com os seios à mostra. Além de seu vestuário, os Krahô, homens e mulheres, continuam a usar suas pinturas de corpo tradicionais, feitas com urucum ou jenipapo.

CAPITULO II

BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas e metodológicas que nortearam o nosso trabalho, destacando os principais aspectos que contribuíram para as discussões referentes à nossa pesquisa. Abordamos, além dos já trabalhados estudos de alguns autores sobre os processos fonéticos e fonológicos de algumas línguas indígenas do Brasil, os conceitos básicos sobre Fonética e Fonologia do Português para melhor entendermos a nossa pesquisa que está voltada para a língua indígena Krahô.

Como a pesquisa é de cunho etnográfico, em nossa metodologia, descreveremos como se deu a nossa pesquisa baseando nas visitas técnicas que fizemos na aldeia Manoel Alves Pequeno, a coleta de dados, os nossos registros em diário de campo, as conversas informais e interações com os povos da aldeia, com os jovens, velhos, professores indígenas e caciques. Para a realização de nossa pesquisa, apoiamos-nos nas teorias das pesquisas qualitativas de cunho etnográfico com observação participante.

2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para tratarmos das bases teóricas de nosso trabalho, que é o de apresentar um inventário fonológico da língua Krahô, primeiramente, definimos a fonologia e, em seguida, a fonética, que são áreas que possuem suas peculiaridades, mas que andam juntas. Para tanto, recorreremos aos textos de Albuquerque (2007, 2011); Seara, Nunes e Volcão (2011), Silva (2010), Souza (2008), Chomsky e Halle (1968), dentre outros.

Iniciaremos, primeiramente, com uma definição simples de cada campo, para aprofundarmos as/nas questões paradigmáticas. Conforme Albuquerque (2007), a fonologia é a ciência que têm como objeto de estudo “a forma sistemática como cada língua organiza os sons”; já a fonética falantes de uma língua”. Em estudo mais recente, Albuquerque (2011) convida para uma reflexão a cerca do objeto de estudo desses campos ao afirmar que uma língua se caracteriza por um conjunto de sons específicos, e todas as palavras dessa língua são compostas por uma sequência de sons que fazem parte desse

inventário. Portanto, o sistema fonológico de uma língua impõe restrições ao conjunto de sons que compõem as palavras.

Segundo Silva (2010, p.23), “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”.

Cabe lembrar, porém, que apesar da idade das duas ciências e dos vários estudos realizados, há uma dificuldade em distinguir uma da outra. Essa dificuldade é compreensível, entretanto, pela relação de dependência que mantêm entre si. Seara, Nunes e Volcão (2011) apresentam uma concepção similar para explicarem que:

é difícil, senão impossível, fazer fonologia sem antes entender de (ou fazer) fonética. É preciso, então, conhecer um pouco mais sobre o status de cada uma dessas subáreas, sem tentar fazer uma distinção simplista de suas funções ou modos de ação.

Para não nos determos demasiadamente nessa discussão*, que não se constitui o foco principal desse trabalho, nem nos restringirmos a uma já criticada “distinção simplista”, voltaremos as considerações de Seara, Nunes e Volcão (2011):

Qualquer comunicação realizada com sucesso, [...], pressupõe alguns requisitos básicos para os interlocutores [...]. Além desses, deve haver o reconhecimento da pronúncia de cada um dos interlocutores [...]. Outro ponto importante a se considerar é a adequada interpretação das ondas sonoras (sons) emitidas pelo falante e captadas pelo ouvinte.

Dessa maneira, pode-se observar que a fala pode ser descrita sob diferentes aspectos, uns mais próximos do que se convencionou chamar de Fonética, outros mais próximos do que se convencionou chamar de Fonologia. Para os autores, estudar a fala a partir de sua fisiologia, estudá-la a partir dos

* Para uma consideração mais aprofundada sobre os campos da Fonética e da Fonologia, consultar Hora (s/d) e Silva (2010).

sons gerados pelos órgãos que compõem essa fisiologia ou, ainda, analisar a fala sob a perspectiva do ouvinte são tarefas atribuídas pela Fonética. Para a Fonologia, conforme os autores, cabe o estudo da organização sistemática de uma língua específica.

A seguir serão apresentados aspectos voltados à metodologia empregada na pesquisa, tais como o processo de levantamento de dados e os diários de campo. A seção permitirá, então, compreender os percursos e os laços que a fonética e fonologia estabelecem no desenvolvimento de uma pesquisa.

2.2. METODOLOGIA

A pesquisa que originou o nosso trabalho é de base etnográfica com observação participante a partir das teorias de Erickson (1984), Angrosino (2009).

Para Angrosino (2009, p. 31), a etnografia é feita *in loco* e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo estudados, assim como um observador objetivo daquelas vidas.

Este autor fala ainda da importância da observação participante para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica. A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida (ANGROSINO 2009, p. 34).

É desse modo, que o pesquisador no contexto da observação participante deve interagir ativamente como membro em todas as atividades do grupo, demonstrando ser um pesquisador que sabe fazer todas as observações pertinentes à sua pesquisa, e diante disso registrar fielmente todas as informações precisas.

Esses autores advertem que a pesquisa etnográfica observacional participante, deve seguir alguns critérios básicos. Primeiro, precisa haver uma participação intensiva e de longo prazo no contexto a ser pesquisado.

Segundo, deve ter uma atenção a mais para registrar tudo o que acontece no contexto analisado, através de diários de campos e de outros tipos de ferramentas (gravações em áudio e vídeo, trabalhos acadêmicos, relatórios, dentre outros).

Nesse sentido, desenvolvemos nossa pesquisa de base etnográfica, tendo como inquietação os aspectos socioculturais e linguísticos que contribuirão para a manutenção da língua e da cultura Krahô, voltada para um estudo dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua desse povo. A metodologia de nossa pesquisa teve início com levantamentos bibliográficos de autores que trabalham com essa temática e, por fim, realizamos a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com observação participante. Foram utilizados procedimentos para levantamentos dos dados tais como: diário de campo e observações assistemáticas.

A análise foi realizada com base na pesquisa de campo, tendo como principal instrumento a observação participante, o diário de campo e conversas informais com membros importantes da aldeia. O diário de campo foi um dos instrumentos essencial na coleta de informações, fizemos todas as anotações precisas para a nossa pesquisa, anotações minuciosas que contribuiu bastante para esta pesquisa. Tivemos ainda aulas em língua materna conduzidas pelos professores indígenas da aldeia.

2.3 REGISTROS EM DIÁRIO DE CAMPO: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Desde o início de nossa pesquisa na aldeia Manoel Alves Pequeno, fizemos todas as observações precisas para a nossa pesquisa. Para tanto, utilizamos o diário de campo por entendermos que, diante das circunstâncias dentro da aldeia, ele seria útil durante as nossas observações. No diário de campo anotamos as atividades que foram realizadas pelos indígenas no período que estivemos na aldeia, principalmente as aulas em língua materna dadas pelos professores indígenas da escola 19 de Abril, na qual adquirimos conhecimento sobre a língua.

Para Albuquerque (2007), utilizamos o diário de campo por entendermos que, diante das características particulares da aldeia, muitos eventos de fala poderiam ser relevados, principalmente, no que diz respeito à forma como a língua materna vem sendo falada em todas as aldeias.

O nosso trabalho de campo iniciou-se em 2013 quando realizamos a primeira visita à aldeia Manoel Alves como ação do Projeto de Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural com o povo Krahô. Na oportunidade desenvolvemos e participamos de alguns rituais, oficinas pedagógicas com a participação dos alunos e professores indígenas. Buscamos as histórias, cultura, língua do povo Krahô para obtenção de informações à nossa pesquisa.

Em 2014, continuamos nossa pesquisa, fizemos duas idas a campo na aldeia, a primeira em março e a segunda em novembro, cujos dados analisados foram: alfabeto em Krahô; listas de palavras visando à obtenção dos fonemas em Krahô, preparadas para o dicionário escolar Krahô. Contamos com vários auxiliares de pesquisa principais: os professores indígenas André, Leonardo, Ovídio, Thais; relatos do dia-a-dia, em entrevistas informais, em situações em sala de aula. Para concretizarmos esses dados primeiro fizemos um estudo bibliográfico sobre Fonética e Fonologia para ajudar em nossa pesquisa, depois fez gravações dessas palavras, para serem transcritas foneticamente, utilizamos as fontes do IPA (SIL/IPA, 2004,2006). As coletas dos dados contaram com a participação do orientador deste trabalho Prof Dr. Francisco Edviges Albuquerque, que entrevistou e gravou a fala de alguns informantes da aldeia, também fizemos filmagens de reuniões, oficinas, rituais, ou seja, em vários ambientes na qual reuniam toda a comunidade. Realizamos 2 ou 4 visitas Técnicas à Aldeia Manoel Alves, com idas às casas dos mais velhos da aldeia para termos conversas informais, participamos de alguns rituais, visitamos cemitérios, escolas, pátio da aldeia, aproveitamos e vivenciamos cada momento nosso dentro da aldeia.

É importante destacar, que a pesquisa desenvolveu-se com os professores indígenas da Escola Indígena 19 de Abril, pois os mesmos são bilíngues em língua materna e portuguesa, facilitando, portanto, o encontro entre nós pesquisadores e os formadores. Para atingirmos o foco de nossa pesquisa, geramos as informações aqui descritas, utilizando tais métodos já mencionados do decorrer do texto: entrevistas, gravações, oficinas, diário de

campo, bem como registro de fotos e gravações. Dessa forma, os dados coletados serviram de registro epistemológico para posterior catalogação desses povos.

Durante a nossa estadia na aldeia, pudemos observar que os povos Krahô estreitam os laços familiares entre eles para fim de fortalecer a sua cultura, englobando língua, rituais, comidas, pinturas, artesanatos e religião. É hábito dos Krahô se reunirem todos os dias no pátio para planejamento e desenvolvimentos das atividades da aldeia.

CAPÍTULO III

AS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA KRAHÔ

Os estudos sobre os aspectos fonéticos e fonológicos da língua Krahô assumem características peculiares desse povo. Inicialmente, podem-se perceber alguns aspectos gerais da fonologia, facilmente observáveis mesmo numa leitura superficial de textos voltados para a literatura desse povo.

Segundo Albuquerque (2007), ao observarmos as diversas línguas indígenas, constatamos, de fato, que elas diferem umas das outras em suas associações significante/significado; exceto, é claro, se forem palavras emprestadas de uma língua para outra ou se forem cognatas da mesma família lingüística, como acontece entre Apinayé, Krahô e Krikati.

Chomsky e Halle (1968, p. 162, apud Albuquerque) estabelecem que os sons que aparecem no fluxo da fala como um continuum são considerados unidades discretas. Acontece que, na decodificação das mensagens, os falantes também os interpretam como unidades cuja função constitui a base do sistema fonológico. Isto indica que, sendo os sons o meio de veiculação de significados, são empregados e percebidos pelos falantes da língua não com base em todas as suas características fonéticas, mas a partir da função que desempenham na língua.

Partindo dessa premissa, ALBUQUERQUE (2013) considera que a língua Krahô possui 29 fonemas, conforme descreveremos abaixo:

Segmentos Consonantais: [k], [g], [h],[ʔ], [j], [kʰ],[m], [n], [p], [r],[t], [w],[tʃ] e segmentos vocálicos: orais [a], [ʌ], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u] ,[ɨ], [ɤ] e nasais [ã], [ẽ],[ɨ],[õ], [ũ], [ɨ].

3.1 AS VOGAIS KRAHÔ

As vogais são classificadas pelos movimentos da língua (anterior, central e posterior) e pelo movimento dos lábios (arredondadas e não arredondadas).

3.2. Os fonemas vocálicos Krahô

Os segmentos vocálicos da língua Krahô incluem fonemas orais / a, ʌ, e, ε, i, ɨ, ɔ, o, ɤ, u/ e nasais / ã, ẽ, ĩ, ĩ̃, õ, ã̃ /, como se vê nos quadros abaixo:

Quadro 01: Fonemas Vocálicos Orais da Língua Krahô.

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-arredondada	Arredondada	Não-Arredondada	Arredondada	Não-Arredondada	Arredondada
Alta	i		ɨ			u
Média fechada	e				ɤ	o
Média aberta	ε				ʌ	ɔ
Baixa			a			

Segmentos vocálicos orais adaptados de ALBUQUERQUE (2013)

Quadro 02: Fonemas Vocálicos Nasais da Língua Krahô.

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	ĩ		ĩ			ũ
Média fechada	ẽ					õ
Média aberta						
Baixa			ã			

Segmentos vocálicos nasais adaptados de ALBUQUERQUE (2013)

De acordo com a análise de nossos dados analisados, em princípio, podemos concluir que, na língua Krahô, há vogais puramente nasais (sem condicionamento ambiental, isto é, sem proximidade de qualquer segmento nasal) e há vogais que são nasalizadas, por estarem em ambiente contíguo a outros segmentos nasais.

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos fonemas vocálicos orais e nasais encontrados nos dados analisados na língua Krahô, seguida dos exemplos correspondentes:

3.3. Fones vocálicos orais

[a] oral central baixa;

Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port.
apa	[a´pa]	“seu braço”
hapac	[ha´pak]	“orelha”
cahãj	[kahãj]	“mulher”

[ʌ] oral posterior não- arredondado médio aberto;

jàt	[j ʌ t]	“batata doce”
cà	[k ʌ]	“pátio”
kà	[kʰʌ]	“seio,pele”

[ɛ] oral anterior não arredondada média aberta;

wewe	[vɛvɛ]	“borboleta”
tep	[tɛp]	“peixe”
ikre	[ikʰrɛ]	“casa”

[e] oral anterior não arredondada média alta fechada;

pjêcre	[pje´krɛ]	“siriema”
quêtjê	[´ketjê]	“bisavô”

pjê	[´pjê]	“terra”
-----	--------	---------

[i] oral central não arredondado;

pyty	[p i t i]	“esteira”
------	-----------	-----------

cupytti	[kup i´ti]	“macaco guariba”
---------	------------	------------------

pytre	[´pitɾɛ]	“abelha”
-------	----------	----------

[i] oral anterior não arredondada alta;

ikra	[i´kʰra]	“filho”
------	----------	---------

irom	[i rɔm]	“mata fechada”
------	---------	----------------

ihkrĩ	[iʔ´kʰrĩ]	“sentar”
-------	-----------	----------

rõhti	[´rõʔti]	“tucano”
-------	----------	----------

[o] oral posterior arredondada média fechada;

cô	[ko]	“água”
----	------	--------

xõnti	[´ʃonti]	“urubu”
-------	----------	---------

kôpo	[kʰo´pɔ]	“borduna”
------	----------	-----------

[ɔ] oral posterior arredondada baixa aberta;

rop	[´rɔp]	“cachorro”
-----	--------	------------

crow	[´krɔw]	“tora de buriti”
------	---------	------------------

po	[pɔ]	“veado”
----	------	---------

[ɣ] oral posterior não arredondada média alto fechada;

ikrýt	[ikʰɣt]	“nariz”
ixwýt	[itʃwɣɾ]	“banhar”
krýjre	[kʰɣjɾɛ]	“papagaio”

[u] oral posterior arredondada alta;

pur	[pur]	“roça”
junre	[junrɛ]	“beija-flor”
tutre	[tutrɛ]	“rolinho (pássaro)”

3.4. Fones vocálicos nasais

[ã] nasal central baixa;

Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
cagã	[kaŋã]	“cobra”
cahãj	[ka´hãj]	“mulher”
mããti	[mã:ti]	“ema”

[ẽ] nasal anterior não arredondada média fechada;

wacmẽjê	[wakmẽ´je]	“inverno”
---------	-------------	-----------

krēre [kʰě́rɛ] “periquito”

kěn [kʰě̃n] “pedra”

[ĩ] nasal anterior não arredondada alta;

caĩre [kaĩ́rɛ] “galinha”

pĩ [pĩ́] “madeira”

mĩtti [mĩ́:ti] “jacaré”

[ɨ] nasal central não arredondada alta fechada;

ahpŷnre [aʔpɨ́nrɛ] “tronco (para assento)”

hapŷama [hapɨ́amã] “retorno”

[õ] nasal posterior arredondada média fechada;

hõhhi [hõ ʔhi] “apito”

põõhy [põ:h ɨ] “milho”

rõhti [rõ ʔti] “tucano”

[ũ] nasal posterior arredondada alta;

jũnre [jũnrɛ] “beija-flor”

cũmtũm [kũmtũm] “capivara”

axũnre [aʃũnrɛ] “formiga”

3.5. AS CONSOANTES KRAHÔ

As consoantes são classificadas com base no modo e ponto (ou lugar) de articulações, como veremos no quadro abaixo.

Quadro 03: Fonemas Consonantais da Língua Krahô.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k	ʔ
Aspirada						k ^h	
Africadas				tʃ			
Fricativas							h
Nasais	m		n			ŋ	
Vibrante			r				
Aproximantes		w		j			

Baseando no quadro acima, segue-se a descrição dos fonemas consonantais encontrados nos dados da língua Krahô, seguida dos exemplos correspondentes.

3.5.1. Oclusivas

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/p/	rop	[ˈrɔp]	“cachorro”
	prôtti	[proti]	“sapo”
	tep	[tɛp]	“peixe”
/k/	cahãj	[kaˈhãj]	“mulher”
	caprãn	[kaprãn]	“tartaruga”

	quire	[kiɛ]	“pássaro”
	quêtti	[keti]	“padrinho”
	craa	[kra:]	“paca”
/k^h/	krÿjre	[k ^h rɔjɛ]	“periquito”
	kwÿjr	[k ^h wɔjr]	“mandioca”
	kwÿrcupu	[k ^h wɔku´pu]	“paparuto”
/t/	tôn	[ton]	“tatu”
	tutre	[tutɛ]	“rolinha”(pássaro)
	tep	[tɛp]	“peixe”
/ʔ/	pahhi	[‘paʔhi]	“cacique”
	hũhkop	[hũʔ´kɔp]	“unha”

3.5.2. Africadas

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/tʃ/	xãnre	[tʃãnrɛ]	“gato”

caaxwa	[ka:tʃwa]	“sal”
axũn	[aʃũn]	“caracol”

3.5.3. Fricativas

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/h/	cahhêc	[kaʔ'hek]	“quebrar”
	hêêti	[he:ti]	“aranha”
	hũmre	[hũmre]	“homem”

3.5.4. Nasais

/m/	maco	[makɔ]	“mocó”
	amxôre	[amʃonre]	“rato”
	ampo	[ampɔ]	“o quê”
/n/	nana	[na'na]	“abacaxi”
	ĩnto	[ĩntɔ]	“olho”
	nare	[nare]	“não”

3.5.5. Nasal velar

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/g/	cagã	[kaŋã]	“cobra”
	gõr	[gõr]	“dormir”

gõhpry	[gõʔpɾi]	“estrada
--------	----------	----------

3.5.6. Vibrantes

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/r/	xoore	[ʃo:ɾɛ]	“raposa”
	ropti	[ɾɔp´ti]	“cachorro”
	rôrti	[rõrti]	“coco babaçu”
	carĩre	[kaĩɾɛ]	“galo,galinha”

3.5.7. Aproximantes

As aproximantes na língua Krahô se realizam como glides.

	Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
/w/	wakõ	[wa´kõ]	“quati”
	awxêt	[aw´ʃɛt]	“peba”
	twÿn	[twɾ´n]	“caracol”
	wapo	[wa´pɔ]	“faca”
/j/	cuhtoj	[kuʔtoi]	“maracá”
	jarati	[jara´ti]	“avião”
	jãmprôre	[jãpro´ɾɛ]	“espuma”

kàjre	[kʌi rɛ]	“machadinha”
càj	[kʌi]	“pássaro”
jàt	[jʌt]	“batata doce”
impej	[ĩpɛj]	“bom/bonito”

3.6. Os Glides

Os glides são mais conhecidos como semivogais, responsáveis pela formação de ditongos.

Segundo Silva (2010, p.169) “os glides correspondem a vogais assilábicas e fazem parte de um contínuo em que há mudança de qualidade vocálica”.

Na língua Krahô os glides /j/ e /w/ funcionam como vogais assilábicas. Em Krahô os glides são transcritos foneticamente como [i] e [u]. Assim tem-se:

/j/

Krahô	Transc. Fonética	Trad. Port
jàt	[jʌt]	“batata doce”
impej	[ĩpɛj]	“bom/bonito”
junre	[junrɛ]	“beija-flor”
cuhtoj	[kuʔtoj]	“maracá”

kàjre	[kʌj´rɛ]	“machadinha”
pjêcre	[pjekrɛ]	“siriema”
cahāj	[ka´hāj]	“mulher”
<i>/w/</i>		
wakõ	[wa´kʰõ]	“quati”
crow	[krɔw]	“buriti”
awxêt	[aw´ʃɛt]	“peba”
twỳn	[twɣ´n]	“caracol”
caaxwa	[ka:ʃwa]	“sal”
craakwỳj	[kra:kʰwɣj]	“paca”
kwỳjr	[kʰwɣjr]	“mandioca”
kwỳrcupu	[kʰwɣrɣku´pu]	“paparuto”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo uma análise fonológica da língua Krahô, pertencente à família linguística Jê. É importante frisar, que o povo Krahô, apesar do contato com a sociedade envolvente, ainda mantém vivas sua cultura e língua materna. É perceptível, na Aldeia Manoel Alves, o resultado das práticas pedagógicas relacionadas aos alunos indígenas e às comunidades do povo Krahô, práticas estas, que visam a aprimorar conhecimentos da própria cultura como: língua, pinturas, mitos, rituais e etc. que servem de base como material didático para as escolas indígenas locais, servindo como suporte para Educação Escolar Indígena. Com relação aos professores indígenas e não indígenas da aldeia, desenvolve papel importante nas escolas das aldeias, se esforçam no sentido de construir junto com a com os estudantes e comunidades, uma educação que seja verdadeiramente diferenciada e indígena. É nessa perspectiva, que os Krahô têm buscado formas de desenvolver uma prática educativa valorizando os saberes tradicionais do grupo, mantendo vivas suas línguas, identidade cultural e formas de compreensão do mundo.

Durante o nosso trabalho, pudemos conhecer um pouco sobre os aspectos históricos, culturais e linguísticos dos povos Krahô. Apresentamos alguns estudos sobre fonética e fonologia do português e algumas considerações sobre a fonologia da língua Krahô. Discorremos como a nossa pesquisa foi desenvolvida a partir de alguns aspectos metodológicos: visitas a aldeia, a escola, coleta de dados, diário de campo, dentre outros.

Esperamos com esse trabalho poder contribuir, de forma significativa, para a alfabetização das crianças Krahô, uma vez que a fonologia de uma dada língua deve ser utilizada como ferramenta didática pedagógica pelos professores indígenas que atuam no processo de alfabetização. Além de aproximar toda a comunidade da escola, dando assim contribuição no processo de fortalecimento da cultura Krahô. Esperamos também fortalecer as pesquisas

com os povos indígenas, especialmente com os povos do Estado do Tocantins, por meio do ensino, pesquisa e extensão, havendo articulação entre professores, acadêmicos e pesquisadores do PPGL (Programa de Pós Graduação em Letras) e sociedade não indígena com os alunos e povos indígenas.

Sabemos, entretanto, que este trabalho ajudará também na elaboração de materiais didáticos para o ensino desta língua das aldeias e para o da escrita da língua, para o qual a análise fonológica é fundamental. É importante mencionar, que esta pesquisa constitui apenas o começo do que tem que ser estudado, pois percebemos durante a nossa pesquisa que há muito o que se aprofundar em termos de descrição da língua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. ***Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé***. Tese de Doutorado. UFF- Universidade Federal de Fluminense. Niterói: 2007.

_____ (Org.). ***Alfabeto Ilustrado Krahô***. Campinas-SP: Pontes Editora, 2013.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. ***Índios do Tocantins: Aspectos Históricos e Culturais***. In: SILVA, Norma Lúcia da e VIEIRA, Martha Victor (Orgs). *Ensino de História e Formação Continuada: Teorias, Metodologias e Práticas*. Goiânia: Editora PUC, 2013.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e YAHÉ KRAHÔ, Renato (Orgs.). ***Alfabetização Krahô***. Campinas-SP: Pontes Editora, 2013.

_____. ***Reflexões sobre a Fonologia da Língua Apinayé***. In: Cabral, Ana Suelly Arruda, Rodrigues, Aryon Dall'Igna, Rodrigues, Jorge Domingues Lopes e Maria Risoleta Silva Julião (Orgs.). *Língua e Culturas Tupi: Línguas e Cultura Macro-Jê*. V 2. Campina, SP: Editora Curt Nimuendaju; Brasília LALI/UNB 2011.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. ***Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o português: Aspectos da situação sociolinguística***. Dissertação de Mestrado, UFG, 1999.

ANGROSINO, Michael. ***Etnografia e observação participante***. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2009.

ERICKSON, F. ***Metodos Cualitativos de Investigación de Enseñanza***. In m. Wittrock M.C. *La Investigación de la Enseñanza,II. Metodos Cualitativos y de Observación*. Madri: Ediciones Ibérica. 1989.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. ***Iniciação à Fonética e Fonologia do Português***. Rio de Janeiro: Zahar 1994.

MELLATI, Júlio César. **Ritos de Uma Tribo Timbira**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Índios e Criadores: a situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins**. (Monografias do Instituto de Ciências Sociais). Rio de Janeiro, UFRJ, 1967.

RIBEIRO, Maristela Maria. **Grafismo Indígena: influência grafismo corporal**. Brasília DF, dezembro de 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. Ciências, São Paulo, v. 16, n. 95, 1993.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga e VOLCÃO, Cristiane Lazzarotto. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. 2º Período. Florianópolis, 2011.

Seki , Luci (Org.). **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP. São Paulo: Imprensa oficial, 2000.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. São Paulo: Contexto: 2010.

SOUSA, Jane Guimarães. **Educação Escolar Indígena Krahô da Manoel Alves: Uma Contribuição Para o Registro e Manutenção do Mito de Tyrkrë**. UFT, 2013.

SOUZA, Shelton Lima de. **Descrição Fonético-Fonológica da Língua Akwen-Xerente**. Dissertação de Mestrado. UNB – Universidade de Brasília. Brasília, 2008